

# TRIBO QUE MORA EM FAVELA DO MORUMBI ESTÁ NA MOSTRA

Fotógrafa registrou ritual de alguns dos 780 pankararus que vivem nas margens do Rio Pinheiros

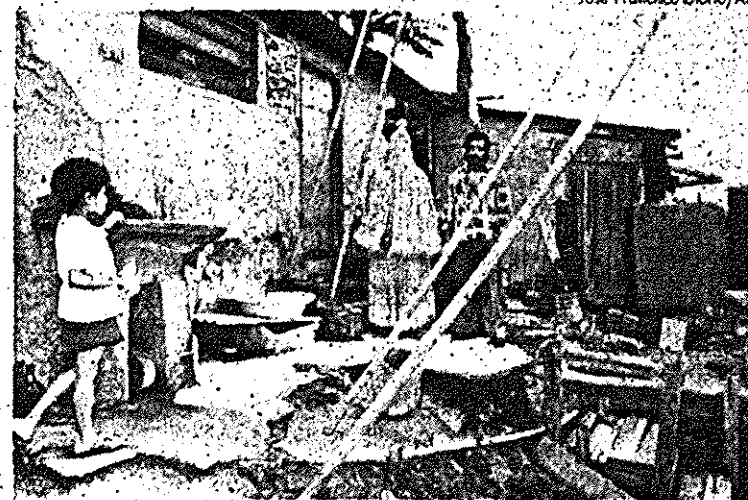
José Francisco Diório/AE

Trabalhando principalmente na construção civil e tendo viajado mais de 2 mil km para chegar aqui, cerca de mil índios do povo pankararu moram em São Paulo. Desses, aproximadamente 780 habitam a Favela Real Parque e um alojamento vizinho, nas margens do Rio Pinheiros.

Expulsos de suas terras no interior de Pernambuco, ocupadas por posseiros, eles começaram a migrar para São Paulo na década de 50. Desde então, o principal desafio desses índios tem sido a manutenção dos traços culturais que os caracterizam, já que não têm espaço suficiente para realizarem os rituais, vivem em meio aos brancos e há décadas só falam português.

"Gostaríamos de construir uma escola que ensinasse nossa língua às crianças. Só assim poderíamos ter certeza de que nossa cultura não morrerá", diz Frederico Pankararu, presidente da associação da comunidade. Eles também fazem questão de cultivar o praia, rito no qual o homem, simbolizando um deus da tribo, veste uma roupa de palha e corda enquanto os índios, em círculo, dançam e cantam.

Preocupado com a perda de identidade cultural dos pankararus, o historiador Juliano Spyer, apresentador do programa Planeta Som, da Rádio USP, tomou a iniciativa de gravar um mini-disc (espécie de CD) com músicas da tribo para veicular em seu programa. "A música e a dança são traços muito característicos da cultura deles", diz Spyer. "E a gravação das músicas é uma forma de contribuir para que essa cultura não se perca."



Índios pankararu em barraco de favela na zona sul de São Paulo

Vítimas de preconceito, muitos desses índios não conseguem entrar no mercado de trabalho: "As pessoas acham que todo índio é preguiçoso e que todo mundo que mora em

favela é ladrão. Como um índio favelado vai conseguir emprego?", pergunta Manuel Alexandre Sobrinho, conselheiro da associação. Dono de um bar no alojamento onde estão (ele há sete meses espera a entrega dos prédios do projeto Cingapura), ele revela que já teve de esconder a identidade para ser admitido em uma empresa de construção.

Brigando com a Funai pela posse das terras há anos, a maioria deles espera poder voltar à aldeia, onde, segundo a Funai, ainda residem 3,5 mil índios. "Queremos retirar os posseiros de nossa terra", diz

Frederico, ciente da dificuldade de sua tarefa.

Em 1940, os índios possuíam 14,3 mil hectares na divisa de Pernambuco com a Bahia, nos municípios de Petrolândia e Tacaratu, demarcados na era Vargas. Em 1986, 8,1 mil hectares foram homologados pelo governo Sarney. So que tão velha quanto a demarcação é a existência dos posseiros, que ocupam dois terços das terras e só aceitam sair da região se receberem uma indenização orçada em R\$ 6 milhões.

Segundo Moacir Lyra, da Regional de Pernambuco da Funai, foi realizada na última sexta-feira uma reunião em Brasília na qual ficou acertado que as benfeitorias (casas, cercamentos e outras instalações de infra-estrutura) implantadas pelos posseiros foram feitas com boas intenções. "Em breve eles devem ser indenizados e reassentados em outro lugar", diz Lyra. Mas a fundação não dispõe de tanto dinheiro a curto prazo, e os índios não parecem dispostos a esperar. "Em julho vamos para lá e colocaremos fogo nos postes de energia. Acho que só assim eles vão nos ouvir", diz Frederico.

F.M.

15/17/197  
Pankararu 108  
8C